



CHISTES PSICANALÍTICOS NA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO HUMOR DE JOSÉ SIMÃO EM VÍDEOS DA COLUNA VIRTUAL “MONKEY NEWS”

Eduardo Barbuio

Maria Flávia de Figueiredo Pereira Bolella

Curso de Mestrado em Lingüística da Universidade de Franca

Rua Helena Sartori, 303 Fernandópolis-SP CEP:15600000
e-mail: edubarbuio@msn.com

Área de conhecimento: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Lingüística)

RESUMO

INTRODUÇÃO: Para os estudos psicanalíticos, o chiste, ao lado dos sonhos, lapsos e sintomas, é uma das formas do inconsciente se manifestar. Dentro das teorias do humor e do cômico, os chistes não possuem um contorno muito definido, dependem de questões culturais ou de modelos teóricos estudados em uma dada época, sem um caráter que lhe garanta reconhecimento como um objeto autônomo. Há, no entanto, um grande interesse por aquele tipo de humor que é tido como jogo verbal, no qual o chiste consegue algum destaque, mas sem uma denominação que consiga representá-lo. Toda produção teórica formulada a respeito do humor ou do riso, vem sofrendo visíveis transformações ao longo dos anos. A comédia, como foi definida por Aristófanes é um tratado estranho e de difícil decodificação para os autores dos dias de hoje. De qualquer forma, os chamados “elementos denúncia” se fazem presentes nas obras humorísticas de todos os tempos. Denuncia-se o abuso de poder, os costumes sociais, a moral, a estética; enfim, o humor permite que se fale de quase tudo na posição onipotente de denunciar o que se sabe sobre o Outro. Neste trabalho, o *corpus* escolhido para análise do riso e do chiste são alguns vídeos da coluna “on-line” da TV UOL “Monkey News”, do jornalista-humorista José Simão, hospedada no Portal UOL de Acesso à Internet. O “Monkey News” é uma coluna humorística virtual. No site em média três novos vídeos são postados por semana, com duração de aproximadamente 15 minutos, nesses vídeos, Simão aparece na redação de um jornal ao lado do jornalista Rodrigo Flores, e descontraidamente conta anedotas sobre assuntos atuais, envolvendo política, personalidades e a sociedade de modo geral. Analisando o discurso de José Simão nesses vídeos, encontramos vários chistes, e temos inúmeros exemplos do poder alquímico que emana do jogo de palavras na sua capacidade de desnudar situações, fazendo irromper o riso. **OBJETIVO:** Este trabalho pretende discutir os mecanismos do riso e do risível e seus jogos dentro do ponto de vista da psicanálise, privilegiando as leituras freudiana e lacaniana do chiste e suas relações com o inconsciente em alguns “vídeos programa” da coluna “Monkey News” do jornalista-humorista postados no site da TV UOL. Um *corpus* de teor engraçado, com frases agudas em que a transgressão da língua se faz em nome do riso. **METODOLOGIA:** A pesquisa se presta à análise textual como um suporte de linguagem. Visa oferecer um contorno mais preciso a respeito do chiste que, embora seja um antigo objeto de estudo da psicanálise, continua “obscurecido”. A abordagem psicanalítica, nessa perspectiva, dá ao chiste autonomia como código verbal. O modelo de análise do texto leva em conta o corpo material, isto é, o corpo sígnico da mensagem, observando os componentes: lexicais, sintáticos, prosódicos e semânticos. **CONCLUSÃO:** O trabalho apresenta, por amostragem, a decomposição lingüística das anedotas dos vídeos do “Monkey News” numa estrutura de linguagem em que significantes da ordem lexical, sintática, semântica e prosódicas expressam o teor chistoso contido nos vídeos. Os resultados desses procedimentos, por sua vez, estruturam uma linguagem incontestavelmente criativa, com frases agudas em que a transgressão da língua se faz em nome do

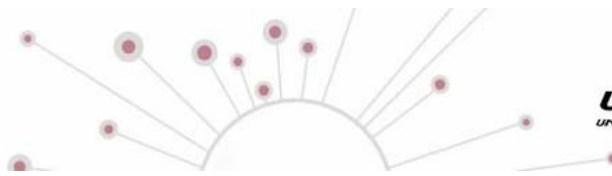


riso, daí as surpresas do novo que nela emergem. A descrição dessa materialidade sónica, nos seus comportamentos de condensação e deslocamento, encadeia a distinção delineadora do chiste.

Palavras-chave: chiste, José Simão, formação discursiva do humor, psicanálise.

INTRODUÇÃO: O inconsciente tem sua própria maneira de falar. Uma fala sempre oblíqua e contraditória. Tão particular que nem mesmo podemos reconhecê-la como uma. Mas, sem dúvida, trata-se de um tipo de fala, uma vez que o inconsciente diz o que tem a dizer. E sempre o diz a nossa revelia. E isso, pode ser percebido sempre que nos perguntamos “quem fala em nós quando falamos?” Segundo o famoso axioma lacaniano, o inconsciente está estruturado como uma linguagem. Esta, uma linguagem diferente da que usamos para a comunicação na práxis cotidiana, mas ainda uma linguagem. Constituída de perigos, aparições, tropeços, desfalecimentos, encontros faltosos e surpresas desconfortantes. Uma linguagem substituta. Que tira proveito do discurso verbal e nos convence com suas consistências imaginárias, apenas para melhor violar. Violações que, em seu rastro, vão inscrevendo enigmáticas verdades. Para nos dizer a verdade, o inconsciente cobra seu preço, o faz de maneira do enigma e da cifra, numa linguagem que lhe é própria e difícil para nossa compreensão. O inconsciente fala, por exemplo, por meio do esquecimento, que, é a forma mais profunda da memória e fala também nos atos falhos, quando somos assaltados indesejados reveladores enganos, deixando transparecer o que queríamos ocultar. E também se revela nos sonhos. E através de sonhos, para se exhibir, o desejo se oculta em configurações sónicas de complexa interpretação. Entretanto, não é apenas por meio de situações de desconforto, estranhamentos e enigmas que o inconsciente surge. Há também formações prazerosas que fazem estalar o riso. Falamos dos chistes, que desferem verdades que colocam o riso no lugar do mal-estar ou da dor. Tirando largo proveito dos mistérios do significante, palavras que habitam dentro das palavras, sob palavras, o chiste desnuda a verdade das coisas por meio da criação verbal. Deixando cair o véu da verdade, o chiste faz com que ela brilhe nua na carnadura viva das palavras. Em achados verbais, o chiste promove encontros do dizer com a verdade. Neste trabalho, o *corpus* escolhido para análise do chiste são alguns vídeos da coluna on-line da TV UOL “Monkey News” do jornalista-humorista José Simão, hospedada no Portal UOL de Acesso à Internet. O “Monkey News” é uma coluna humorística virtual. No site em média três novos vídeos são postados por semana, com duração de aproximadamente 15 minutos, nesses vídeos, Simão aparece na redação de um jornal ao lado do jornalista Rodrigo Flores, e descontraidamente conta anedotas sobre assuntos atuais, envolvendo política, personalidades e a sociedade de modo geral. Muitas dessas anedotas são as mesmas publicadas em sua coluna humorística do jornal Folha de São Paulo. Analisando o discurso de José Simão nesses vídeos, encontramos vários chistes, e temos inúmeros exemplos do poder alquímico que emana do jogo de palavras na sua capacidade de desnudar situações, fazendo irromper o riso.

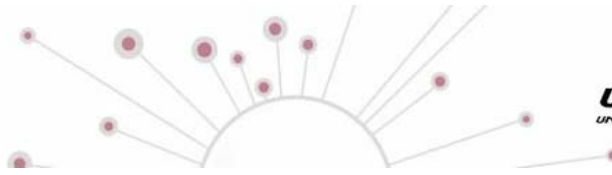
OBJETIVO: A constatação de que o riso é um traço distintivo da natureza humana tem levado filósofos, antropólogos, linguistas, etnólogos, entre outros, a questionamentos sobre a essência e as motivações do riso e do risível. O interesse que o assunto desde sempre despertou, talvez explique não só a existência de uma vasta bibliografia a respeito, bem como a coincidência de algumas categorias de análise, oriundas de diferentes teorias. Este trabalho pretende discutir os mecanismos do riso e do risível e seus jogos dentro do ponto de vista da psicanálise, privilegiando as leituras freudiana e lacaniana do chiste e suas relações com o inconsciente. Como objeto de estudo foi escolhido alguns vídeos da coluna “Monkey News” do jornalista José Simão, da TV UOL do Portal UOL de Acesso a Internet. Um corpus de teor engraçado, com frases agudas em que a transgressão da língua se faz em nome do riso.



METODOLOGIA: Toda produção teórica formulada a respeito do humor ou do riso, vem sofrendo visíveis transformações. Para a psicanálise, o chiste, junto aos sonhos, lapsos e sintomas é uma das formas do inconsciente se manifestar. Dentro das teorias do humor e do cômico, os chistes não possuem um contorno muito definido, dependem da cultura ou do modelo teórico estudado em uma dada época, sem um caráter que lhe garanta reconhecimento como um objeto autônomo. Há, todavia, um grande interesse por aquele tipo de humor que é tratado como jogo verbal, em que o chiste consegue destaque, mas sem uma denominação que consiga representá-lo. A pesquisa se presta à análise textual como um suporte de linguagem. Visa oferecer um contorno mais preciso a respeito do chiste que, embora seja um antigo objeto de estudo da psicanálise, continua “obscurecido”. A abordagem psicanalítica, nessa perspectiva, dá ao chiste autonomia como código verbal. O modelo de análise do texto leva em conta o corpo material, isto é, o corpo cênico da mensagem, observando os seguintes componentes: a) lexicais: uma vez que o chiste “constrói” um dicionário particular produz valores, pelo menos, um novo significante que será incorporado ao código; b) sintáticos: pois no chiste o modo relacional dos significantes produz valores informacionais através de seus deslocamentos; c) prosódicos: pois a espinha dorsal da mensagem “chistosa” é a narratividade oralizante; d) semânticos, ou valores de ordem articulatória: o sentido e as figuras montam aqui uma constelação pertinente ao tema.

DISCUSSÃO: Para Bérqson, o riso é o rompimento de um equilíbrio provocado quando uma cadeia lógica perde o seu ritmo, causando uma nova cadeia e o ouvinte ou espectador, ainda preso à anterior, se surpreende ao perceber a ligação absurda entre as duas e ri. Vladimir Propp, assim como Bérqson, acredita que o riso é sempre suscitado pela desarmonia, e o que é belo e harmonioso não podem, de forma alguma, despertar o riso. Para Freud, o humor é um meio de se obter prazer apesar da dor. Aquilo que é doloroso para o homem é distanciado adquirindo prazer humorístico e o lucro deste investimento está em “uma economia na despesa de afeto”. André Jolles, diz que o chiste é a forma que melhor permite entender como, para uma dada disposição mental, uma forma se atualiza de modos diferentes, segundo os povos, a época e os estilos, O que nos interessa aqui, porém, não é a diferença, mas a disposição mental em sua totalidade. Ou seja, o chiste, onde quer que se encontre, é a forma que desata coisas, que desfaz nós. O trabalho apresenta, por amostragem, a decomposição dos diálogos entre José Simão e Rodrigo Flores, na estrutura da linguagem em que significantes da ordem lexical, sintática, semântica e principalmente prosódicos expressam o teor chistoso das colunas. O chiste é, então, delineado num suporte de linguagem de contemporâneas leituras psicanalíticas. Os vídeos postados na coluna que têm a intenção de informar e divertir na velocidade da internet faz com que o vídeo postado hoje deixe de ser novidade amanhã, esse caráter de efemeridade se revela como uma das melhores formas de expressão do chiste. A oralidade, para conferir graça à piada, depende ainda da performance eficiente do emissor. A dificuldade de captar essa performance é curiosamente minimizada pela oralização e capacidade do ator de evocar imagens através da linguagem. De riso em riso, José Simão satiriza personagens que formam o contexto político, social e televisivo nacional. Corrupção, modismos, futebol, política, homossexualidade, entre outros, são assuntos abordados em sua coluna sem embaraços ou sem acanhamentos. A grandiosidade de suas colunas fica por conta de uma sofisticação textual que exige um leitor entendedor de suas nuances.

CONCLUSÃO: Os resultados da análise do discurso humorístico de José Simão dos vídeos na coluna virtual “Monkey News” realizadas por meio das concepções psicanalíticas do chiste, das teorias de formação do discurso humorístico, e das análises estruturais da linguagem (lexical, prosódica, sintática e semântica) comprovam um vasto teor chistoso, que, por sua vez, estruturam uma linguagem incontestavelmente criativa, sempre surpreendendo pelo novo e o inesperado que a partir dela emergem.



REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Jane Mary Pereira. *Achados chistosos da psicanálise na escrita de José Simão*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 1995.

BÉRGSON, Henri. *O riso*. Tradução da 375ª edição francesa, 1978. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 2ª ed., s/n.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. 1905, vol. VIII, trad. Jayme Salomão, in Edição Standard Brasileira nas obras completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, 1969.

JOLLES, André. *Formas Simples*. São Paulo, Cultrix, 1976.

LACAN, Jacques. Seminário V – *As formações do inconsciente*. 1957.

_____. O Seminário. Livro 1 – *Os escritos técnicos de Freud*. Versão Brasileira de António Quinet. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2ª ed., 1988.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Trad. De Aurora Formini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo, Ática, 1992.